

INVICTA CINE

semanario ILUSTRADO
DE

cinematografia



nº
146

preço

50

centavo

LOST

L
I
L
I
A
N



A
A
R
V
E
Y

NA PROXIMA
2.^a FEIRA NO

O L Y M P I A

NO FONOFILME DE
GRANDE SUCESSO

CRUZEIRO DE AMOR

Uma super-produção da Ufa, falada e cantada em francês

Realização de Anatole Litvak

Programa da Agencia Cinematografica H. da Costa



"SINGRANDO CONTRA
TODAS AS PRÓCELAS"

O Vídeo

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:

ROBERTO LINO

E

SOUTINHO D'OLIVEIRA

N.º 146

PORTO
28 DE NOVEMBRO
1931

ANO 9

REDACTOR PRINCIPAL

ALVES COSTA

Comp. e Imp. — DIÁRIO DO PORTO

R. S. Bento da Vitória, 10—Telef. 2300

Redacção e Administração: — Rua das Musas, 45 — PORTO - (Portugal)

Um artigo do nosso correspondente em New York sobre

THOMAS A. EDISON

Morreu o Pai do Cinema...

Como uma *valvula de reforço* que, num dado instante, pela extinção do seu filamento deixasse de emanar o chorrilho poderoso de electrons que torna possível a realidade maravilhosa do Radio, e com ela cessasse a transmissão,—assim cessou em THOMAS A. EDISON o halito da vida...

Desaparecido do numero dos vivos, Edison viverá para sempre na grandeza dos seus inventos, a menos que uma catastrophe dê cabo deste mundo.

A' entrada do chaguão do cinema Paramount, em Nova York, ha uma placa de bronze, que foi inaugurada pelo magno inventor na data da estreia daquele teatro—19 de novembro de 1927. Foi aí, nessa noite de alegria, que tivemos a ventura de ver Edison, espirito irmão de Aristoteles e Leonardo de Vince.

Essa placa de bronze diz assim: A THOMAS A. EDISON: O PAI DO CINEMA.

Isso não teria sido inscrito em bronze, num teatro frequentado diariamente por milhares de pessoas, se isso não constituísse a verdade.

Ha quem sustente terem sido os irmãos Lumière os inventores do cinematografo. Ha palpavel engano nessa afirmação. Está isto irrecusavelmente provado numa obra em dois volumes de Terry Ramsave, publicada em 1926.

Edison começára a estudar detidamente o problema da captação e reprodução dos movimentos pela fotografia em 1887. Em setembro de 1889, obtinha Edison, da Eastman Kodak, o primeiro rôlo de filme, produto que aquele industrial vinha de colocar no mercado, em placas fotograficas, não para uso em fotografia seriada. A 6 de outubro daquele ano de 89 é demonstrado em público o Kinetoscopia de Edison, cuja base era a continuidade do movimento fotograficamente captada num filme.

Só a 14 de abril de 1894 começou Edison a exploração comercial do seu invento, na casa n.º 1155, Broadway, em Nova York.

Até aí não ha o menor vestigio do nome dos Lumière em matéria cinematografica. Mas, tendo Edison exposto na Exposição Internacional de

Paris o seu Kinetoscopia (que era o cinema dentro de uma caixa, para ser visto através de uma lente, por um só observador) aí viram-no os irmãos Lumière, que só a 28 de Dezembro de 1895 expozeram no Grand Café, em Paris, a sua maquina de projecção cinematográfica, cujo principio, não ha duvidá-lo, fôra copiado à invenção de Edison.

Nessa coisa de inventar, ha inventores e *ideiosos*, ou homens de pouca massa. Um inventor genuino, como Edison, cujo acervo de realizações grandiosíssimas sobe a mais de quatrocentas, não tinha grande cuidado em proteger as suas ideias (elas lhe saiam tão facilmente...) e daí o ter deixado o seu aparelho de cinema sem patente na Europa.

Em todas as discussões sobre a prioridade do invento do cinema deve prevalecer um facto irrefragavel: o filme foi inventado na America, em 1888, por Eastman Kodak, e *sem filme não pode haver cinema*.

Edison estudava o uso de um material transparente que lhe permitisse a fotografia seriada e em rôlo. Ao saber da existência do filme de Kodak, viu nisso a solução do seu invento, dando desde logo uma utilidade nova à fita de celuloide recebida de Eastman.

Ramsaye insere no seu livro até um facsimile da factura dessa primeira compra de filme,—datada 2 de Setembro, 1889.

Emquanto isto se passava do lado de cá do Atlantico (onde Latham, imitando a ideia de Edison, projectava cinema em 1895. meses antes da demonstração, em Paris, do invento dos Lumière), na Europa a ideia do cinematografo era quasi desconhecida. Nada mais natural, que tendo os franceses visto o primeiro cinema através do aparelho fabricado pelos dois fotógrafos de Lyon, julgassem terem sido eles os legitimos descobridores do maravilhoso invento.

De resto, Edison foi ainda o descobridor do *Edison Effect*, fenomeno electrico por ele observado dentro das suas lampadas de incandescên-

(Conclue na penultima página)

gravatas, cinefilos e frio

Eu não conheço nenhum dos rapazes da *imagem*. Nunca os vi mais gôrdos... nem pintados. Mas tenho por eles uma certa simpatia, talvez por ressumarem permanentemente mocidade e boa disposição, talvez pela arrogância com que escrevem alguns dos seus artigos, talvez ainda por ouvir toda a gente de juízo chamar-lhes com frequência um sem número de nomes feios. Talvez por isso, sobretudo, porque eu tenho uma propensão muito natural para fazer o contrário do que a outra gente faz e para engraçar com o que os outros embirram.

Mas... eles deram-me um grande desgosto! Imaginem que resolveram agora passar a gravateiros!...

Gravateiros!

Lá que Vocês, rapazes da *imagem*, tivessem opiniões atrevidas, mesmo que não fossem sinceras e ainda que com elas não pretendessem mais do que tornar-se salientes, estava certo. Lá que Vocês resolvessem um dia, por pedantismo ou por qualquer outra coisa, atacar um Fritz Lang ou um René Clair (note-se, eu não tenho a adoração pelas celebridades) e por todos os processos procurassem provar que eles não passam de idiotas, de tarados, vá c'os diabos. Mas que Vocês se fizessem gravateiros... é que eu não esperava!...

E depois, Vocês sabem o que conseguem com isso? Aumentar ainda mais a parvoíce dos rapaziños cinéfilos que passam a vida a sonhar com Hollywood, a macaquear o melhor que podem os galãs em voga e a derreterem-se numa adoração lorpa pelas «estrelinhas» do écran.

Por falar em «cinéfilos»: Nós precisamos de arranjar outra palavra para designar os amigos do cinema. A princípio a palavra cinéfilo pareceu-nos muito feliz. Hoje, chamar cinéfilo a um verdadeiro amigo da arte cinematográfica, é ofendê-lo; chamar cinéfilo a alguém que no cinema procure um divertimento, muito embora, mas também algo mais elevado que lhe fale ao intelecto, é insulta-lo.

Cinéfila é aquela menina lojra que vai às terças ao Aguiá, que usa o cabelo e abana os ombros como a Brigitte Helm e sabe de cór todas as particularidades, mesmo as mais íntimas, da vida e do viver de Ramon Novarro. Cinéfilo é aquele obsecado que tem uma paixão pela Greta (sem blague) e que afirma com orgulho que já possui uma colecção de 349 retratos diferentes da Clara Bow. Cinéfila, enfim, é a minha criada.

Mas essa turba dos cinéfilos cresce dia a dia. E é dentre eles que devemos conquistar verdadeiros amigos para a arte das imagens em movimento. São eles quem nós devemos educar, orientar, ensinando-lhes a ver no cinema mais alguma coisa do que as beijocas do Garat, as pernas da Marlène Diétrich ou os olhinhos ternos da Janet Gainer. Mas para isso precisamos de começar por combater tudo o que «ser cinéfilo», na acepção vulgar do termo, tem de irrisório.

A não ser que Vocês queiram fazer cair no ridículo os pobres cinéfilos, quando eles já não forem a tempo de recuar... quando tardiamente descobrirem que Vocês lhes estavam explorando habilmente a estupidez...

Chegou o inverno. E nos nossos cinemas, onde tínhamos o direito de esperar ir encontrar um pouco de conforto e de agasalho, não ha aquecimento, gela-se

Na sala do Passos Manuel só de sobretudo bem apertado, mãos nos bolsos e gola levantada, se pode estar... e mal. Ha dias, quando fui vêr «O Iceberg Vingador» (nem de propósito, este filme passado nas regiões polares...) deu-se até um caso sintomático: Um pobre espectador que tiritava a meu lado, não podendo suportar a temperatura glacial que nos envolvia, resolveu ir-se embora a meio da sessão exclamando: — *Não me apanham cá mais antes da primavera... a não ser que me emprestem um cobertor do Alentejo!*... No Olímpia, com o chão de cimento e um ventinho persistente que corre da rua por baixo das portas, a invasão do frio não é menor nem menos rápida. Depois da primeira meia hora, a gente até se esquece que tem pés... No Batalha, então, quem tiver a sorte de ficar na direcção das portas póde contar com uma pneumoniazinha garantida... Mesmo no Aguiá d'Ouro e no Trindade, que são um pouco mais agasalhados, o frio entra, apodera-se de nós, gela-nos.

Eu bem sei que *as coisas* não estão boas, mas já era bem tempo das nossas salas cinematográficas oferecerem aos seus frequentadores umas certas comodidades que fizessem com que eles se sentissem confortavelmente dentro delas e os atraíssem com a oferta de algumas horas de bom espectáculo e de agradável bem estar.

Creiam numa coisa. O público não olha só à qualidade dos filmes que lhe apresentam. Também repara nas comodidades que lhe proporcionam e logicamente preferirá as salas onde se sinta melhor. Por mim vejo os outros: O Passos Manuel está passando em réprise alguns filmes de valor. Levou «O Milhão», levou «A Cidade do Canto», leva agora «Sob os Telhados de Paris» e certamente levará mais produções de iguais méritos e de equivalente interesse. Pois bem, meus caros, eu tenho muito pena de não as rever todas... mas ainda não me resolvi a treinar-me para frequentador de frigoríficos... E como eu, quantas pessoas deixarão de ir aos cinemas, preferindo ficar em suas casas, num ambiente tépido, as pernas bem embrulhadinhas numa manta, lendo, estudando, escrevendo, ouvindo a radio... ou fazendo uma batalha naval... a irem enregelarse por causa dum filme que, ainda por cima, póde não lhes agradar!...

Ainda se, ao menos, se podesse fumar para aquecer...

(Conclui na última página).

NOS FILMES

Os "silencios,, dos personagens e a "observação,, dos realizadores

Uma das particularidades que, a maior parte das vezes, mais me prende a atenção, quando assisto ao desenrolar dum filme, são as pausas—o interregno das palavras—essas pausas curtas ou longas, em que os personagens, num mutismo absoluto, nos revelam pela «expressão» uma imensidade de coisas...

Nesses momentos, quasi sempre de emoções fortes, eu vivo os pedaços dessas emoções, definindo-as primeiro e sentindo-as depois.

E' nas máscaras que eu atento... e nos seus rictus se revolve a maior parte da minha sensibilidade.

Nessas pausas a mascara mostra, quasi sempre, uma ideia alevantada com um significado intraduzível pelas palavras. E por ela eu aprecio e admiro os artistas:—vejo como eles encarnam o «papel», se o sentem, se a personalidade vive nos seus nervos, se o compreendem...

E' nos traços da mascara que os pensamentos invisíveis se manifestam com vida latente, ficando ao apreço da nossa observação e ao criterio da nossa intelligencia, misturando-se aos episodios da vida externa—do movimento, da acção e da palavra—dando a estas particularidades uma «forma» e um conceito mais vasto—outra grandeza mais fecunda.

Observo e adivinho a ideia ao longo do Espirito, em lutas obscuras, instintivas... sempre grandiosas:—os sentimentos revelados em atitudes mansas—silencios que são a verdade humana—a desilusão, a dôr, a melancolia...—em arrobos de beleza, numa atraente Filosofia, sempre emocionante por ser elevada...

Essas pausas atraem-me, pois, pelas emoções que me ocasionam, pela transcendencia de que se revestem, pelo conceito que definem, pela sensibilidade que traduzem, pela intelligencia que dependem e pela Arte grandiosa que encerram.

A's vezes, nuns curtos segundos de «expressão», nós assistimos ao desfilar, no intimo da personagem, duma vida toda, mais vasta em particularidades que um pedaço longo de gestos, de movimentos, de palavras, tendentes a definir o episodio concebido e que se pretende mostrar.

As pausas assim não são uma modalidade da Arte do cinema—podemos admiti-las como partes integrantes—como são as modalidades que classificam—em grande parte—os artistas e caracterizam os conceitos das teses urdidas nos argumentos—a essencia oculta da obra escrita—ou ainda a maneira como o realizador compreende esses conceitos.

E' aqui que a intelligencia está à prova, para tornar a observação em realidade.



Kay Francis

Como seria olhada no cinema a vida de Chopin, sem que o realizador o compreendesse e sem que ensaiasse ao personagem que encarnasse os gestos longos de meditação, de tristeza feita melancolia, de saudade, de sofrimento e dôr passiva?

O que diríamos da personagem dum Wagner, sem os movimentos bruscos, nervosos, reveladores dum cerebro acoitado de pensamentos transcendententes, fecundos, lucidos na confusão e melódicos na desarmonia?

Seria o mesmo que vermos um Rafael ou um Velasquez sem nos apercebermos das telas e das palhetas ou um Cristo a rir às gargalhadas a zombar da sua propria doutrina.

As individualidades estariam deslocadas da concepção e por tal motivo, só por milagre, podiam ser tomadas num apreço condigno.

Tomaz d'Alencar

Morreu Lya de Putti

Ao entrar na maquina o presente numero, recebemos a triste noticia do falecimento da conhecida artista Lya de Putti.

PAMPLINAS

Mais .portuguêsmente conhecido por Pamplinas que por Buster Keaton, êste grande cômico americano que faz rir sem se rir, sem dar aos seus «gags» a preparação que cansa, de Harold, Pamplinas, o homem primitivo de «As três idades», o protagonista inegalável de «A glória de Pamplinas», «O homem da Manivela» e de muitos outros filmes, tem com a produção «Em frente, marche!» a confirmação plena do seu esplêndido talento histriônico, numa criação que a crítica lisboêta reputa como uma das suas mais notáveis produções.

Dizer a biografia dêste poderoso astro americano, tornar-se-ia monotonoso.

Buster Keaton, de rosto imóvel, marmoreo, é suficientemente conhecido por tôdas as plateias.

A principal arte dum artista não se resume simplesmente a animar um determinado papel. Se o desempenho a fazer é dum papel dramático, nada mais há que reproduzir a vida, que criar dentro de determinados moldes um quadro duma existência. Dizia à pouco um colêga que detestava a arte e os artistas que simplesmente reproduzem a naturêsa ou a vida; mas não lograva demonstrar quais as fórmulas de que iria servir-se para criar uma arte «plus ultra», mais arte do que a arte. Iria talvez buscar dentro do simbolismo as características necessárias para a reprodução daquilo que deve em nós exercer a impressão do bêlo; mas esquecia-se de que o simbolismo é pessoal e característico de cada um, que a verdadeira arte é uma e impessoal, sem barreiras ou fronteiras, sem exotismos ou quixotices. Na arte de bem interpretar um papel, o artista deve procurar aproximar-se o mais possível do realismo impecável, da seqüência dos factos da vida. Quando se classifica um artista de ter uma interpretação conscienciosa ou criteriosa é porque nós a comparamos com factos de nós próprios. E' porque julgamos bem encarnado o realismo de hoje. Por isso, achamos mais fácil interpretar o dramático, que o cômico. O clown que dá cambalhotas numa pista, se as dá sem nexos e sem lógica torna-se ridículo; é um pobre mamarracho de feira, coberto de lentejoulas doiradas; mas se consegue ser humano, se por entre a graça que faz sorrir o intelectual e escarancia a bôca ao nêscio, faz notar um pouco de humanismo, um arêstia de sentimentalismo, então tornar-se-á algo de grande, artista digno da nomeada e da reputação das

plateias. E' nos laivos de sentimentalismo de que impregna os seus filmes, que reside aquilo a que chamam o gênio de Charlot; êste começando por uns filmes disparatados, sem origem, nem seqüência lógica, compreendeu quando interpretou «O garôto de Charlot» que a vida feita de riso é monotona e estúpida, então corrigiu-se em «A quimêra do oiro» aperfeiçoou-se em «O circo» e dizem-nos que é sublime em «Luzes da cidade». E' que há nas «nuances» do seu desempenho uma ematerialidade grandiosa que forma a arte, que nos sensibilizam o bêlo.

Buster Keaton, compreendeu como Charlot que a finalidade do cômico não se limita a fazer rir, que é preciso dar ao público baldes de água fria por entre chuviscos de gargalhadas. E não podendo como Chaplin, exteriorizar em expressões anímicas, porque a máscara de Pamplinas é fria, então valeu-se do cenário no qual tem sempre um papel de infortunado.

Em «Em frente marche!» por entre as vicissitudes geradas por um alistamento forçado, há uma história de amor, crivada de contrariedades, cheia de cenas cômicas numa guerra sanguinolenta que até para êle, pobre milionário forçado a soldado razo, acaba no momento de maior heroísmo quando quer mostrar à sua Mary que é um homem, um herói às direitas para quem as balas são môscas, as granadas castanhas em assadeira...

Este Buster Keaton infeliz, é eloquente na sua máscara marmôrea, na expressão gélida e compassiva com que sofre as contrariedades duma vida a que está condenado: uma contrariedade atrás doutra contrariedade, um clarão de sól seguido duma noite imensa.

Pamplinas em «Em frente, marche!» continuando a série dos seus triunfos, continúa também demonstrando a sua extraordinária potencialidade cômica. Não é simplesmente uma interprete; é também um psicólogo que sabe compreender a alma humana e fazê-la vibrar dentro dos moldes que acha convenientes.

Nobody



Imagens do fonofilme «Em frente, marche!»

Correm boatos a respeito de Henry Garat.

Parece que a Paramount tem desejos de o levar a Hollywood para aí interpretar algumas versões francesas que aquela importante empresa tenciona realizar.

d e L i s b o a

Meus caros:

Vocês lembram-se ainda daquela tarde dos princípios da outubro, muito chuvosa e muito cinzenta, em que me fui despedir de Vocês à redacção, na véspera da minha partida para Lisbôa?

Lembram-se também com certeza de que depois de fumados alguns cigarros e passada uma hora no meio daquela alegria despreocupado que nos caracteriza, quando eu me dispunha a sair, o Alves Costa me disse:

—Olha lá, ó Fernando! Faze por te divertir, por trabalhar, mas não te esqueças de nós. Vê lá se escreves de vez em quando, se contas coisas, se fazes má língua.

Pois muito bem! Eis-me a escrever-vos, a contar-vos coisas, a fazer má língua.

Eu sei muito bem que vocês todos estão cheinhos de curiosidade de vêr o *Matou!*

Eu sou mais feliz do que vocês. Já vi êste filme duas vezes, e vou confiar-vos as minhas impressões.

Matou! é um esplêndido fonofilm.

Fritz Lang no seu primeiro trabalho sonoro mostrou-se absolutamente seguro da nova técnica, emancipando por completo a imagem do som, usando comedidamente do diálogo e apresentando-nos mesmo uma inovação curiosa e feliz, que consiste na descrição feita simultaneamente pelas palavras e pelas imagens.

Em presença deste filme eu evoquei sem saúde os tempos gloriosos em que o cinema alemão estava em pleno apogeu.

O filme está, na verdade, cheio de bellissimas imagens como as iniciais, as da perseguição do criminoso, as da rusga, etc.

E' de notar a forma subtil e delicada como o realizador nos descreve sinteticamente que a criança foi assassinada: a bola de borracha que rola ao abandonado e o balão que também abandonado se vai prender nuns fios telefónicos.

O argumento—que vocês certamente já conhecem—é inteligentemente conduzido com bem doseada intensidade dinâmica, de modo a manter o espectador num interesse constante e crescente.

A interpretação é magnífica, devendo salientar-se o estupendo trabalho de Peter Lorre que nos apresentou uma composição a todos os títulos perfeitíssima do anormal assassino de crianças.

As cenas finais, da confissão, são duma perfeição inexcédível.

E' no entanto de lamentar que um homem com o talento e com o bom senso de Fritz Lang se deixe por vezes cair em exageros como por exemplo o do commissário de policia—um homem habituado a todas as surpresas e a todos os imprevistos—que ao saber que os ladrões prenderam o assassino deixa cair a boquilha dos dentes e necessita de ir meter a cabeça debaixo duma torneira de água fria para recuperar a serenidade.

Eu bem sei que êstes pequeninos nadas de

(Conclui na última página)



Imagens do surpreendente fonofilm «Matou»

DA VIDA CINEGRÁFICA

Ainda a propósito das sessões de cinema a 1 Escudo

Da gerencia da Agencia Cinematográfica H. da Costa, L.da, recebemos a seguinte carta:

«Ex.mo Sr. Director da Invicta Cine

O artigo publicado no penúltimo número da sua interessante revista, sob o título Ainda a propósito das sessões de cinema a 1 escudo, faz varias considerações sobre os distribuidores de filmes.

Embora não nos sintamos atingidos por êle, tanto mais que a nossa firma se acha estabelecida apenas desde o principio do ano corrente e não tem portanto filmes velhos, não tendo tambem fornecido quaisquer programas para «Sessões a 1 escudo», agradecemos que, para devido esclarecimento do público, se digne V. Ex.a publicar a presente, na sua revista, sob a mesma epigrafe, ou fazer sobre o caso a referência que êle requiere, a bem da justiça.

Com elevada consideração, etc.»

Gostosamente publicamos a carta acima e com a maior sinceridade confessamos que nenhum dos filmes apresentados até hoje pela Agencia Cinematográfica H. da Costa, L.da, atinge os reparos que fizemos no nosso artigo publicado no n.º 144.

Uma novela que se passa em Hollywood

Olympio Guilherme, brasileiro que há anos reside em Hollywood, onde representa «Invicta Cine», acaba de escrever em português uma novela muito interessante, cujos acontecimentos se desenrolam na cidade do filme.

Entre os personagens do livro de Olympio Guilherme figuram sumidades do mundo cinematográfico, extras de varias nacionalidades, alguns personagens portugueses, e muitos brasileiros.

Argumentação novelada sobre os encantos e decepções de Hollywood, cremos ser ainda o livro de Olympio o primeiro que em nossa lingua explora esse ambiente, que exerce tamanha fascinação na mente do nosso publico cinemateiro.

Por isso e pela mão-de-mestre com que o autor desenvolve o assunto, sempre vivo e cheio de surpresas, julgamos que a sua novela há de encontrar uma multidão de leitores.

Parabens, ao Olympio, pela sua obra.

Três noticias da Paramount

«Once a Lady» é o titulo do novo filme de Ruth Chatterton...

Este filme passa-se na Inglaterra e como leading-man de Miss Chatterton empregou a Paramount o distinto actor Geoffrey Kerr.

—David Durand, aquele menino prodigio que figurava com Chevalier no filme «Inocentes de Paris», vai fazer parte do novo trabalho de Bancroft, «Rich Man's Folly», no qual reaparecem Juliette Compton e Frances Dee.

—Os trinta e quatro automoveis pertencentes ao estudio da Paramount em Hollywood percorreram um milhão e sessenta mil milhas no decurso do ano terminado a 31 de Junho.

Amigos, amigos... negócios à parte

Durante o ano de 1921, Mae Murray, interpretou uma série de 8 filmes para a «Tiffany», cabendo-lhe, segundo o contracto feito, uma determinada percentagem sobre a importancia que aquela empresa realizasse com essas produções.

Como até hoje a «Tiffany não prestasse contas, Mae Murray, apresentou queixa no tribunal competente exigindo uma indemnização de 300.000 dollares.

Na capa

Apresentamos o celebre cantor do «Metropolitan Opera», de New York, Lawrence Tibbett, que ainda ha pouco apreciamos em «A Canção do Bandido», fonofilme exibido com justificado exito no Olympia e que dentro em breve voltaremos a vêr e ouvir na super-produção «Lua Nova» a exhibir no cine Aguia d'Ouro.

Lawrence Tibbett é, presentemente, um dos mais consagrados artistas do cinema sonoro, graças á sua voz maravilhosa que prende todas as plateias.

Gary Cooper lavrador

O conhecido artista americano, Gary Cooper, comprou, recentemente, uma propriedade que atinge uma area de 2500 hectares, no Vale de Coachella, California. Cooper, tencionna, segundo afirma, dedicar-se á agricultura sempre que a sua presença não seja necessaria nos studios.

«O Congresso que Dança»

No próximo dia 22 de Dezembro, deve estrear-se no elegante cinema S. Luiz, de Lisboa. o belo fonofilme da Ufa, «O Congresso que dança».

Nesta produção, voltamos a apreciar os conhecidos artistas Lilian Harvey, Henry Garat e Armand Bernard.

Filha de peixe ...

Katherine De Mille, filha do conhecido realizador Cecil De Mille, firmou um contrato com a Paramount, para trabalhar no filme «Raparigas da Cidade», no qual aparecem Kay Francis, Joel Mc Crea, Lilyan Tashman e Eugene Pallette.

Almas Rivaes

É o titulo, do novo fonofilme no qual desempenha um importante papel Arthur Mc Laglen, irmão do consagrado actor Victor Mc Laglen.

A critica e certos «criticos»

Do nosso amigo e velho assinante Sr. Joaquim Alves Teixeira, recebemos a seguinte carta:

«Desde a inauguração do cinema sonoro no Porto, os jornais diários vão dedicando alguma atenção á apreciação de filmes; até aqui nada ha a censurar, pois muitas vezes de uma critica exercida com critério nascem indicações valiosas para as casas distribuidoras, para as empresas exhibidoras e para o próprio público em geral.

Mas, infelizmente, esses jornais que quando da exhibição de filmes mudos nunca deram sinal de si e por conseguinte não tem redactores com os conhecimentos necessários para poderem realizar trabalho acertado, resolveram, sem agregar a si os elementos necessários, começar a fazer criticas de cinema.

Não contesto que a maioria desses criticos tem muito boa vontade de acertar, muita isenção, mas carecem do factor principal, o conhecimento do assunto a discutir, e, por conseguinte, era preferivel que desistissem de formular afirmações sobre uma materia a que eles não podem, na maioria, emprestar nenhuma soma de conhecimentos.

Dentro dessa mesma critica ainda existe outro erro que vamos passar a expôr.

Quem seguir de perto as apreciações desses jornais verá em alguns a diversidade de critério, quando apreciam os filmes estreados nas diversas «casas de espectáculos».

Enquanto os filmes estreados no cinema X, apesar de serem mediocres, passam a merecer uma apreciação demasiadamente lilisongeira, outros estreados no cinema Z,

não obstante terem algum valor, passam a sofrer uma apreciação que por demasiadamente infeliz não deixa duvidas quanto à isenção e quanto aos conhecimentos revelados por esses criticos.

Temos dois exemplos flagrantíssimos: enquanto a «Margem Esquerda», estreado no Trindade, mereceu a certa imprensa um elogio absolutamente imerecido, o filme «Os Renegados» foi criticado com aspereza por essa mesma imprensa. Ainda gostava que me indicassem os erros que tem a realização do fonofilme «Os Renegados» para merecer a classificação de má. É tão fácil dizer mal, mas é mais difícil justificar o que se diz...

A terminar, é necessário que este assunto seja verdadeiramente ponderado. Ou a critica se eleva ao nivel do nosso desenvolvimento cinematográfico, ou então, é preferivel que os jornais diários deixem de fazer apreciações, que deverão continuar a ser feitas pela imprensa da especialidade».

Muito bem caríssimo leitor. V. tem carradas de razão...

Um concurso sensacional

Todos os anos, a Academia Americana das Artes e Ciencias Cinematográficas, colectividade que merece o aplauso de todos aquêles que tratam de assuntos de cinema e do próprio público, realiza um concurso para saber quais as personalidades que mais se destacaram nos diversos trabalhos cinematográficos, qual o melhor filme, etc., durante a época.

Segundo os resultados obtidos, constatou-se que na época 1930-31, mereceram os premios da Academia:

Marie Dressler, como a melhor intérprete feminina; Leonel Barrymore, como o melhor intérprete masculino; Norman Turog, como o melhor realizador; «Cimarron», como o melhor filme; John Monk Saunders, como o melhor argumentista; Floyd Crosby, como o melhor fotografo; Howard Estabrook, como o melhor adaptador e a Paramount, como a melhor reprodutora de som.

Mais um...

No passado dia 3, faleceu, em Hollywood, o artista cinematográfico Robert Williams.

O falecido, fazia parte do elenco da «RK O Pathé», para onde fez uma série de cinco filmes.



De cima para baixo: Yola d'Avril, Fifi d'Orsay e Sandra Ravel no filme «Aquelas três francesinhas» — Lilian Harvey, Willy Fritsch e Gustav Frohlich, artistas da Ufa, no baile dos colaboradores da indústria cinematográfica de Berlim — Uma cena do filme «Safety in numbers».

Amor e Beijos

—Porto—Sim, senhora. Gosto do seu pseudônimo. Obrigadinho pelo novo assinante que nos arranhou. Amigas como Você é que nós precisamos... e muitas. Também eu estou com um enorme interesse em ver *Matoul*. Tem dito tantas maravilhas desse filme, que tudo me faz crer que se trata duma obra realmente assombrosa. A realização do filme *Paisagem* parece que está interrompida, por algum tempo. Não digo nada porque não gosto de fazer juízos extemporâneos. Pode escrever-me sempre que queira e diga à sua amiga que também receberei as cartas dela com muito gosto. Adeuzinho e até breve.

Alvaro Gomes—Coimbra—Escreva a Jaque Catelain para o Boulevard des Invalides, 63—Paris, França. Creio que lhe mandará o retrato, sobretudo se Você juntar três ou quatro francos ao seu pedido.

Esøj—Porto—O melhor que tem a fazer é assinar *Invicta-Cine*. Pode fazê-lo a partir de qualquer número. Sobre o outro assunto nada lhe sei dizer.

Marrom—Porto—E' possível que esse filme passe em reprise no «Passos Manuel» ou no «Batalha». De acordo com a sua opinião sobre o *Vagabundo Imortal*. E' realmente um filme magnífico. Não sei ainda quando será apresentado no Porto *O Congresso que dança*. Muito obrigado pelo renovoamento da sua assinatura anual e pelo novo assinante que nos conseguiu. Retribuo cumprimentos.

A Partenaire do Amok—Lisboa—Peço-lhe mil perdões, mas eu não sabia os dissabores que lhe ia causar. Demais a mais eu julgava que Você fosse outra pessoa. Espero que não fique zangadinha comigo e que volte a escrever-me, mesmo que o faça como desta vez... Vá, não a quero ver com essa cara, dê-me a honra dum sorrizinho seu, eu não fiz aquilo por mal. Até breve, sim?

Asmodeu—Lisboa—Você, em Portugal?! Obrigado por se ter lembrado de mim. Então tem gostado de Lisboa? E que me diz do sonoro e dos filmes que conseguiu ver? Não deixe de me contar as suas impressões. Terei muito prazer em ler as suas notícias, pode crer.

O Homem do chapéu branco—Lisboa—Ora viva! Você agora está a ser mais assíduo e eu folgo muitíssimo com isso. Com que então *Matoul* deixou-o maravilhado?! Era de esperar. Ainda não sei quando será exibido entre nós *O Mistério do quarto amarelo*. Vi *Romance*, sim senhor, e, apesar de ser teatro fotografado, não desgostei. A voz de Greta Garbo é realmente deliciosa, apesar de ser bastante grave; e depois, o acentozinho estrangeiro, com muitos rr e muitos ss, vai-lhe admiravelmente. *Monte Carlo* deve ser, realmente, um belo filme. Então esse truc, truc, truc pela Lilian Harvey, como vai? Vem aí mais uma fita com ela!... e Você todo contente...

Um perguntador—Porto—Na secção «críticas» só falamos dos filmes que merecem referências especiais. De todos os outros fazemos uma apreciação resumida na secção «passando em revista os filmes da quinzena». Está satisfeita a sua curiosidade?

Loira mas não] caloirá—Lisboa—As loiras são o meu fraco...

Pois é verdade, o Fernando que é actualmente o nosso correspondente em Lisboa, é o mesmo que disse que «todas as mulheres portuguesas têm barriga». Todas, todas talvez não diga... porque, por exemplo, Você é uma rapariga elegantíssima, não é verdade? Ele, também, não disse aquilo por mal e se nessa altura a conhecesse, certamente que tinha aberto uma excepção. E' verdade, Você acatele-se. Olhe que ele é um Don Juan perigoso e já transtornou a cabeça a uma sua conterrânea... que por sinal também não tem barriga... quero dizer, barriga saliente.

Mudando de assunto (senão ainda escandalizo as outras leitoras) folgo em saber que gostou muito da nova obra de Fritz Lang. Dir-lhe-ei mais tarde as minhas impressões. A direcção de René Lefebvre é: 3, rue des Trois-Frères, Paris



(XVIII), França. E' conveniente mandar-lhe três a cinco francos... eles agora não fazem a coisa por menos.

Tive muito gosto em conhece-la epistolamente e espero ter o prazer de receber mais vezes as suas notícias.

Caçador de boas piadas—Porto—

Também eu, nos corredores dos cinemas, ou às saídas, procuro escutar as opiniões dos outros espectadores e às vezes apanho coisas boas. Noutro dia no Aguia d'Ouro farfei-me de rir com uma pequenita que estava a meu lado. Exibia-se *Em redor dum inquerito*. Em determinada altura o magistrado, notando qualquer coisa de anormal nas atitudes da filha, diz-lhe: «Greta, écoute un peu». —«Oui papa»—responde a rapariga aproximando-se. —«Papá?!...» exclamou com espanto a tal miudita —«...mas então ela não lhe chama paizinho?!...» As creanças às vezes têm graça com as suas perguntas. Quando passou *Rango*, eu fiquei também ao pé dum casal com um pequenito. O rapaz era arguto e queria saber tudo e os porquês de tudo: —«E onde fica Samatra», perguntava ele, «é muito longe? E para que lado fica? E porque é que aquele homem leva aquilo? E o tigre que vai fazer?...» e assim por aí fóra até que, a certa altura, um macaquito tendo feito uma grande chiadeira, ele atirou com esta ao pai, que já não sabia o que dizer: —«Oh papá, e agora o macaco que disse?...»

Alexandre Corda foi o realizador de *Mulher Moderna*, *A Vida Privada de Helena de Troia*, *A Minha Mulher não quer filhos* e de *Margem Esquerda*. Por enquanto não se sabe nada a respeito das intenções da Paramount. E' possível que venha a fazer mais algum filme em português. Mas nada é certo.

Não maçou nada, pode escrever quantas vezes quiser.

Helenita—Porto—Seja bemvinda! Os novos leitores são sempre recebidos de braços abertos. Charles Farrel está nos Fox Studios, 1401 N. Western Ave., Hollywood, Cal., U. S. A.; Ivan Mosjoukine: 115, Kurfürstendamm, Berlin W 15—Alemanha.

O Homem dos olhos de fogo—Vizeu—Você tem uma letra encantadora, vista de longe dá ideia de filigrana mas... é pena ser quasi ilegível com tantos feitiços e tantos rabiscos... 1.º) Impossível responder-lhe. Só dirigindo-se directamente às casas distribuidoras. 2.º) Loretta Young está nos Warner-First National Studios, Burbank, California, U. S. A. 3.º) Escreva-lhe na lingua que quiser e mande pelo menos 25 centimos americanos. Os camaradas agradecem cumprimentos. Sempre às suas ordens.

Cinéfilo debutante—Porto—Bravo! Você é principiante mas revela já muito bom gosto e um louvável desejo de saber. Continue. Pede-me que lhe indique as revistas estrangeiras que deve procurar ler? Olhe, aconselho-lhe a *Cinéa-Ciné* 39 Boul. Raspail—Paris, 79). *Pour-Vous* (Rue Reaumur, 100, Paris) e *Close Up* (26 Litchfield St., London, W. C. 2), e sobretudo a última, se sabe inglês. Livros? Para começar leia a colecção *L'Art Cinématographique* (Felix Alcan éditeur, 109 Boul Saint-Germain, Paris-VI.) Depois cite-lhe-ei outros. Espere, pode ler já, também, o *Panorama du Cinéma* de Charensol (Ed. KRA-20, rue Henri-Regnault—Paris, 14), que é uma obra muito útil. Pergunte sempre.

Estudante cinefilonudista—Porto—Bravo! Bravo! Bravo! Você justifica plenamente com os seus actos o seu pseudônimo, ao qual poderia acrescentar ainda o objectivo bom, porque vejo que Você é um excelente estudante, sei que é um cinéfilo inteligente e vi que era um nudista praticante. Os meus parabéns!

O quê? Você sonhou com a Greta Garbo depois de ter visto *Romance*? Diabo!... Também eu fiquei completamente conquistado pela voz quente e sensual da nórdica «estrela». Acho boa a definição de arte dada pelo seu amigo. A «guerra» a que se refere traz sempre bons resultados. Quanto mais «picados» estiverem, mais cuidado terão ao escolher os programas. Não ha nada como a concorrência... Até breve. Dê-me sempre notícias suas.

Amok.

Cauto de la Montera, filho do milionário do mesmo nome tinha um defeito: amava até à loucura a pequena Mary, empregada de balcão numa loja qualquer da cidade. Esse amor, entretanto, ia sofrer um choque. E sofreu realmente, quando a grande guerra foi declarada e, para ela, Canuto nada mais era do que um protegido sem coragem alguma e sem força para nada, muito menos para defender a sua Pátria...

Muitos eram os desesperos de Canuto; antes de mais nada o amor de Mary que lhe fugia cada vez mais. Depois, o seu «chauffeur» que se fôra embora, para o alistamento e só restando, para o servir, o seu mordono, o alemão Fritz. O remédio para o segundo mal, entretanto, parecia-lhe fácil. Iria à agência de empregos, e lá substituiria o seu «chauffeur» patriota por outro de menor gênio bético...

Sem saber, entretanto, entrando pela agência, surpreende-se, sem mais tempo para recuar, quando averigua que a agência fôra transformada em junta de alistamento e, assim, é forçado a alistar-se. Não podendo fugir e não querendo passar pelo último dos covardes, Canuto aceita e é incorporado às tropas que seguiriam brevemente para o «front».

* * *
A perseguição do sargento Gruñon é o que mais o arrelia. Não lhe dava uma folga. E assim que as forças se preparam para seguir para França, Canuto tem a satisfação e o aborrecimento, em seguida, constatando que Mary também iria no corpo de divisões que seguia juntamente com a tropa e, aborrecimento, porque vê, nitidamente, que o sargento faz abertamente a corte à sua querida amiguinha.

Na França as coisas não melhoram.

Mary, afinal, confessa que também o ama e que também o quere e êle, felicíssimo não mais se preocupa com Gruñon. Deixa-o cortejar Mary à vontade porque, confiante, sabe que ela prometeu ser sua esposa e pertencer-lhe a vida inteira.

* * *

Sempre desastrado, sem-



CONCHITA MONTENEGRO
A deliciosa interprete de «Em frente, marche!»

entrega o bilhete aos seus superiores que, surpresos, constataam que é o mapa da posição inimiga.

—E's um heroi, Canuto! Vais ser citado por isto em ordem do dia!

E antes que êle tenha tempo para qualquer coisa enviam-no a completar a sua missão: trazer prisioneiros os homens que vira na posição ocupada pela metralhadora.

Conhecido pelo seu antigo creado, aproxima-se. E quando volta ao acampamento, satisfeito, orgulhoso do seu acto, é bastante vaiado, gosado e apupado: fôra assinado o armistício e de nada mais valia todo aquele esforço que fizera...

Para Mary, entretanto, Canuto continuava sendo um heroi. Ela bem compreendia e bem sabia quem ele era. O beijo com que ela o recompensou foi o mais saboroso e o mais amoroso que recebera em toda a sua vida...

De volta aos Estados Unidos as situações modificam-se radicalmente. A falta de emprego passa a grassar e os chefes passam

Conclui na ultima pagina.

Na proxima 2.^a feira
no
AGUIA D'OURO
Em frente, marche!

Fonofilme todo falado em
espanhol produzido
pela M. G. M.

DISTRIBUIÇÃO:

Canuto de la Montera	Buster Keaton
Mary	Conchita Montenegro
Sargento Gruñon	Juan de Landa
Pepe Alegria	Romualdo Tirado
Capitão Scott	Martin Garralaga
Dormideira	Victor Potel
Sanchez	Francisco Madrid
Fritz	Hans von Morhart
Rosita	Rosita Granada

Um pouco de técnica

As cópias novas

E' do conhecimento do mais leigo ajudante de operador cinematográfico, o facto de que as cópias novas ou frescas, de filmes, quando em primeiras exhibições, enresinam as corrediças dos compressores, dando origem não só a profundos riscos, como ainda dificultam a marcha da máquina.

Com o sistema de gravação movietone, tal facto interessa algumas vezes a banda sonora, apresentando-se já hoje contra esse inconveniente filmes em que essa banda tem uma dupla cobertura. Vamos procurar, sumariamente, explicar as causas do enresinamento, que muitos supeem má secagem dos filmes, etc.

A gelatina, como muitos compostos de origem animal, a sêda, a lã, por exemplo, conserva no estado chamado «sêco» uma percentagem de humidade fixa vizinha do 12 a 15 o/o, segundo a sua origem. Esta percentagem de humidade é função do grau bigrométrico da atmosfera ambiente, mas em proporções muito fracas.

Um filme que se seça completamente na estufa ou no ar, em presença do acido sulfúrico ou do anidrido fosfórico, toma em qualquer ocasião a percentagem de humidade normal, quando se abandona num lugar de grau bigrométrico médio.

As medidas feitas sobre filme positivo virgem, filme positivo revelado depois de algumas horas e o filme positivo revelado depois de três semanas, mostram que a percentagem de humidade é aproximadamente 2 o/o. Numa série de medidas, constatou-se que a percentagem de humidade era mais elevada para um filme revelado há três semanas.

O facto conhecido de que os filmes positivos frescos, deixam depositos importantes nas corrediças a quando das primeiras projecções, não pode, pois, provir duma secagem incompleta. Se secasse totalmente um filme acabado de revelar — e nós entendemos por secagem total, aquela em que a percentagem de humidade na galatina saiu a zero — um tal filme teri retornado ao fim de alguns dias a sua percentagem normal de humidade e o único resultado obtido seria a absorção em forte dose dos nitratos de cellulose; consequentemente a obtenção dum filme sêco, facilmente partindo, impróprio, para a projecção.

A experiência mostra a existência de grandes depósitos, quando da projecção dum filme usado, parecendo como que um processo de alisamento da gelatina, processo ainda não estudado duma maneira racional, no presente.

Se se examina um filme acabado de revelar, ao microscópio, vê-se que a superficie da gelatina não é um plano. Houve um relevamento produzido pelos produtos de oxidação das substancias fenólicas reductoras e relevamento proporcional à quantidade de prata reduzida por cada ponto da imagem.

Sobre um filme vèlho, estas diferenças de espessura, diminuem fortemente. Estes phenomenos parecem favorecer a hipotese duma modificação lenta da gelatina, com exclusão do problema da humidade do filme.

Da exposição científica, que acabamos de fazer, concluímos que mesmo procedendo a uma secagem intensa do filme, êle volta às condições primitivas dentro de 24 horas.

Há, evidentemente, uma solução que seria bom vermo-la realizada pelos produtores de filmes; seria em dar aos filmes, um largo periodo de repouso.

Um processo empregado na América, é simples duma maneira geral — e foi previsto para remediar estes inconvenientes, sendo contudo notório que os americanos chegaram à mesma conclusão científica que fica exposta — a impregnação dos lados da gelatina duma substancia lubrificante como a parafina e a cera numa camada infinitamente delgada.

Procura-se actualmente remediar êste inconveniente, com a construção de máquinas adequadas já em uso na Inglaterra e na Alemanha.

G. Maurice.

THOMAS A. EDISON

(Conclusão)

cia (o qual forneceu a Fleming o principio para o tubo de radio, que De Forrest mais tarde aperfeçoou) e nesse principio baseou Edison a telegrafia sem fios, cuja patente, de 1891, contem desenhos de vapores com suas antenas nos mastros, como os de hoje, e postes de transmissão, em terra, dez anos antes de Marconi!

Esta patente foi vendida por Edison a Marconi, em 1903, sem o que o inventor oficial da radio-telegrafia não poderia ter extendido a comercialização do seu invento até os Estados-Unidos.

New York, Novembro, 1931.

Artur Coelho.

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE pelas
Ex.mas Empresas dos Cinemas:

PASSOS MANUEL

50 % de desconto em todos os lugares na
matinée do dia 3 de Dezembro de 1931.

OLYMPIA

50 % de desconto em todos os lugares nas
matinées dos dias 3 e 5 de Dezembro de 1931

O que as "estrelas" gastam em vestuários...

A mãe Eva, segundo dizem, para agradar ao pai Adão, gastou todas as suas economias afim de comprar uma fôlha de párra para se enfeitar.

Dêsde então, nasceu a vaidade e a única preocupação das mulheres consiste nas suas vestimentas e respectivas ornamentações.

No que diz respeito às artistas do cinema isso então, é uma verdadeira desgraça.

Calculem os leitores que: Grace Moore, a talentosa artista que vemos no filme «Lua Nova» actualmente em exhibição nos elegantes cinemas Palácio e Royal, de Lisboa, gasta, anualmente, 1.500 dollars sómente em sapatos. Evelyn Brent, um verdadeiro amôr que todos nós admiramos, só em meias chega a gastar cerca de 4.000 dollars. Então em vestidos a cifra atinge 25 000. Norma Shearer, segundo ainda há pouco afirmou, gasta, anualmente, 30.000 dollars. Clara Bow, verdadeiramente doida por chapéus, consume 3.000 dollars dos seus rendimentos anuais só para cobrir a cabeça...

Os dois únicos legítimos *manteaux* de arminho finíssimo que existem, em Hollywood, pertencem a Lilyan Tashman e Mary Nolan. Custaram, mais ou menos 30 mil dollars cada um e elas exibem-nos apenas em circunstancias que requerem este último e terrível golpe.

Grace Moore, usa sempre, nas grandes ocasiões, uma pulseira de brilhantes e platina que lhe custou 25.000 dollars.

Jeanette Mac Donald, compra, por ano, cerca de 100 pares de sapatos custando-lhe cada par uma média de 28 dollars.

Marilyn Miller para



assistir ao casamento de Bebe Daniels, só num vestido, gastou 1000 dollars.

Hedda Hopper não é tão perdularia. Tida como uma das mulheres mais elegantes de Hollywood, ela gasta sómente 2.500 dollars anuais com todo o seu vestuário. Uma economia prodigiosa e um malabarismo que muitas gostariam conhecer...

Carmel Myers, então, tem a mania dos vestidos executados sómente por costureiros parisienses os quais lhe custam uma verdadeira fortuna.

Betty Campson, em toda a sua vestimenta, obriga seu marido James Cruze a dispender de 20.000 dollars.

Irene Rich, Joan Crawford, Colleen Moore e Billie Dove, fazem também parte do número de «estrelas» que mais gastam com os seus ornamentos.



Consta que William Fox procura retomar o contrôlo da *Fox-Film*. Nada se sabe de certo, mas parece que William Fox — que, por contrato com Harley Clarke (actual presidente daquela companhia) não tem o direito de se ocupar durante três anos e meio de qualquer assunto cinematográfico — pretende infiltrar-se de novo na *Fox-Film*, o que não seria de estranhar.

DE CIMA PARA BAIXO:

Norma Shearer apresenta o seu vestido de «chiffon» brocado de fantasia em rosa e púrpura, com efeitos de ouro e prata. Um cinto do mesmo tecido acentua a graciosidade da plástica. Os godets, atrás e dos lados da saia, emprestam um curioso detalhe ao conjunto.

Ethelind Terry, a conhecida prima-donna dos teatros de Broadway, exhibe o pijama do primeiro filme que fez para a Metro.

Carmel Myers, linda artista da Metro, mostrando o seu precioso vestido de renda a branco e preto, executado em Paris.

Hedda Hopper, demonstra que as luvas são muito importantes combinadas com o novo modelo de mangas.



(Conclusão)

forma alguma diminuem o valor do filme, mas eram todavia dispensáveis.

Como vêm as minhas impressões não podem ser melhores, e tenho a certeza absoluta de que vocês vão também gostar imenso.

Conforme eu já vos disse, o Alves Costa pediu-me que fizesse má lingua

Mesmo sem êsse pedido eu havia de a fazer, pois vim contraír êsse vício com a malta de Lisboa.

Acreditem! Eu já sabia de tradição que no meio cinematográfico lisboeta a má lingua predominava, mas nunca me convenci—você sabem bem a minha estúpida boa-fé—de que chegasse a êste ponto.

E às pessoas que como vocês e como eu se interessam tanto pelo desenvolvimento da nossa indústria cinematográfica isto causa um grande, um profundo pesar.

E' na verdade lamentavel que tantas inergias que bem unidas, como os vimes da fábula, compreendendo-se e auxiliando-se mutuamente podiam produzir muito, mas mesmo muito, se encontrem absolutamente desligadas umas das outras, ou então—o que é muitissimo pior—reunidos em grupinhos, em pequenos círculos que por via de regra se entretêm—não sei se por sadismo se por incompreensível inveja— a pôr obstáculos e a tentar lançar por terra tudo o que outros tentam construir.

Vocês hão-de concordar que isto é na realidade digno de lástima!

Então a mim, que sou ainda dos que acreditam que todos podem trabalhar para um objectivo do qual resultem proveitos comuns, isto desgosta-me profundamente.

Bem, meus caros, deixêmo-nos de coisas tristes.

Vocês querem novidades, mas eu hoje poucas tenho para vos dar.

Ontem garantiram-me que três entidades muito conhecidas no nosso meio—entre as quais está um realizador e um actor cinematográficos—vão dentro em breve lançar ombros à realização dum novo filme.

Por hoje não vos posso dizer mais nada a êste respeito, mas na minha próxima carta já vos devo contar mais pormenores.

Os trabalhos de *Campinos* parece que continuam normalmente.

E por hoje, ponto final.

A Heloisa Clara, que encontrei ante-ontem, disse-me que já não entrará em *Paisagem* e manda-vos cumprimentos.

Abraça-vos affectuosamente o

Fernando.

Lisboa, Novembro de 1931.

(Conclusão)

Pensem nisto. Quanto maiores forem as comodidades e o conforto dum cinema, tanto mais vasto será o número dos seus frequentadores. E além disso lembrem-se sempre de que um espectador comodamente instalado, num ambiente agradável que lhe proporcione um bem-estar físico, verá tudo por um angulo muito diferente do dum espectador mal sentado e tiritando de frio...

Vá, senhores exhibidores, façam um sacrificiozinho momentâneo, instalem «chaufage» nos nossos cinemas.

ALVES COSTA.

Em frente, marche!

(Conclusão)

a empregar-se alguns dos «rasos» voltam a ser protegidos...

Assim foi: Canuto tornou-se aos seus hábitos e ao seu luxo ao lado da sua esposa Mary, tendo como seu secretario o comandante do regimento, como porteiro o sargento que sempre o perseguia e muitos outros que o perseguiam em empregos que lhe permitia tirar suave desforra.

“A Legenda”

E' no dia 10 de Dezembro proximo que deve apparecer á venda em todo o país esta nova publicação cinematográfica.

E' de crêr que esta revista, cuja direcção está a cargo do sr. Natividade Rodrigues e cujo corpo redactorial é constituído por profissionais da imprensa, marque um logar de destaque no nosso meio.

«A Legenda» será impressa em bom papel e a duas côres, custando apenas a quantia módica de cincoenta centavos.

Segundo consta, a *Fox* pensa montar um estudio na Australia para a produção de fonofilmes.

E' curioso notar que esta mesma empresa já pensou fazer o mesmo em Espanha mas até hoje ainda nada vimos.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

FOTOGRAFIA GUEDES

O mais completo atelier fotografico

Telefone, 2680

NEVES GUIMARÃES

346, R. Santa Catarina, 350



AGUIA D'OURO

Apresenta na próxima 2.^a feira
o famoso actor cómico
- - americano - -

BUSTER KEATON
(PAMPLINAS)

-- no --

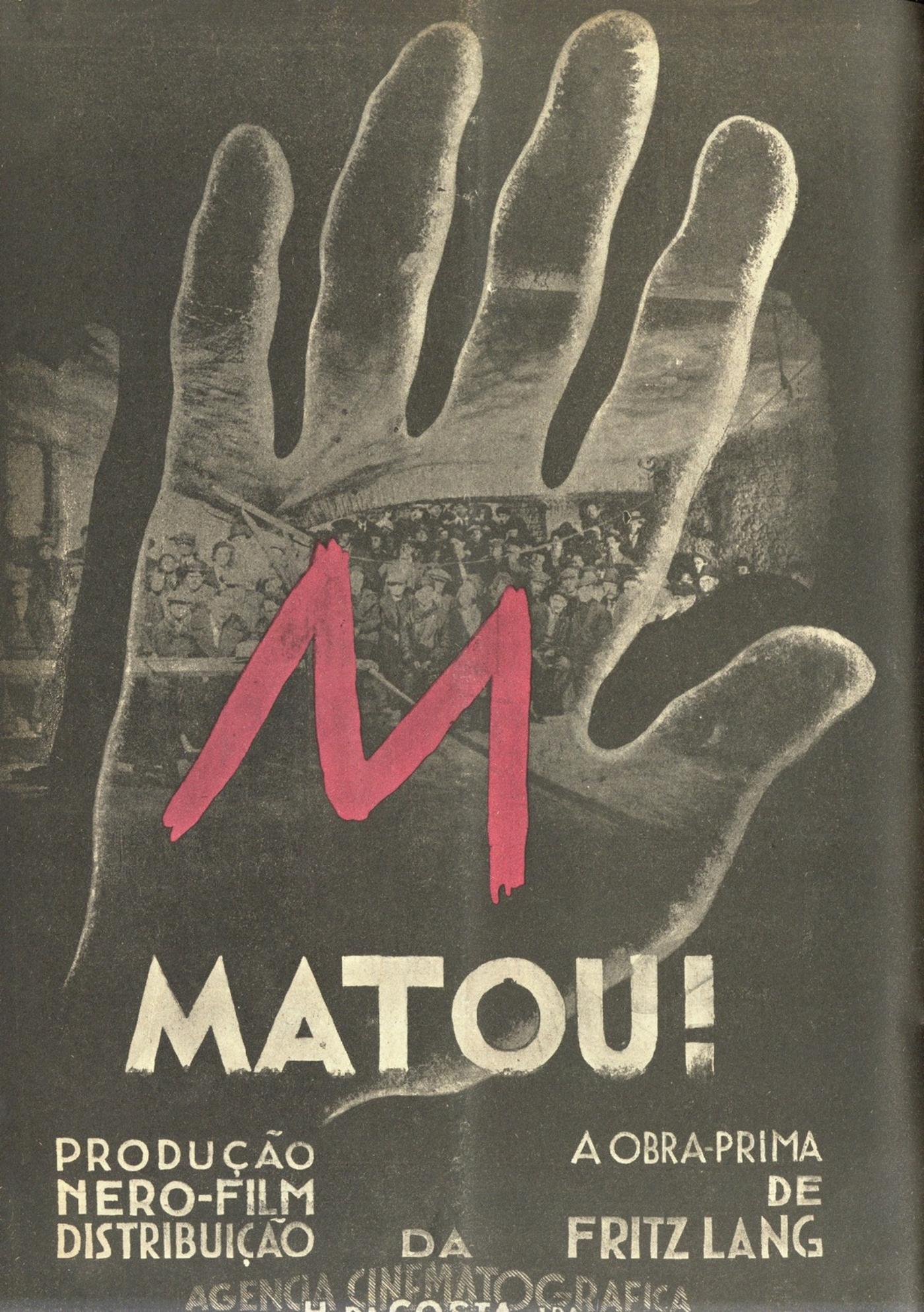
engraçadíssimo fonofilme da

M. G. M.

EM FRENTE, MARCHE!

Uma super-produção toda
falada em espanhol que
ultimamente bateu o
record dos sucessos nos
cinemas PALACIO E ROYAL,
- - - de Lisboa. - - -





M

MATOU!

PRODUÇÃO
NERO-FILM
DISTRIBUIÇÃO

DA

A OBRA-PRIMA
DE
FRITZ LANG

AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. COSTA